

Marília Vilhena

Adolescência e contemporaneidade: algumas considerações psicanalíticas

Em *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*⁽⁶⁾, Michelle Perrot observa que Rousseau dedica todo o livro IV de seu *Émile* à adolescência, “este momento crítico” que corresponde à identidade sexual. “Nascemos, por assim dizer, duas vezes: uma para a espécie e a outra para o sexo (...). Como o rugido do mar precede a tormenta, essa tempestuosa evolução se anuncia pelo murmúrio das paixões nascentes: uma fermentação surda adverte a aproximação do perigo”⁽¹⁾.

Ao longo do século XIX, essa noção de *momento crítico* foi retomada. Zona de turbulência e contestação, a adolescência constitui uma linha de fraturas e erupções vulcânicas no seio das famílias. O adolescente para ambos, indivíduo e sociedade, é um narcisista em busca de si mesmo, tendendo, segundo Durkheim, a desintegrá-la. Se os jovens se suicidam com maior facilidade, trata-se, sim, de sua má integração nas solidariedades sociais. E mais: o desejo sexual do adolescente o conduz à violência, à brutalidade e ao sadismo, à apreciação da violação e do sangue. A criminalidade na adolescência revela uma patologia própria, como, por exemplo, a hebefrenia, definida como uma necessidade de agir que despreza todos os perigos e obstáculos, levando ao assassinato.

Em *História da Sexualidade 1*⁽²⁾ Michel Foucault aponta, no século XIX, o *sexo do colegial* como objeto privilegiado dessa vontade de saber, que, a seu ver, caracteriza a sociedade moderna. Masturbação, homossexualidade, possível perversidade das amizades particulares, eis alguns fantasmas atizados pelos

médicos e, no centro dessa angústia, encontramos o adolescente com seus maus hábitos, sujeito à desconfiança, ao distanciamento, à sedição. Nesse período, segundo Foucault, toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais prolifera.

Em *O Adolescente e o Psicanalista*⁽⁷⁾, Jean-Jacques Rassial constrói a hipótese psicanalítica de que a adolescência é marcada por sintomas específicos ou por uma modificação de sintomatologia cuja investigação deve incidir em diferentes campos. Sabemos fundamentalmente que o real da puberdade fisiológica, ou seja, o sustento do conceito de adolescência aparece com frequência como acidente, doença, catástrofe, *breakdown*. O adolescente queixa-se, assim, de sobrecarga, de ser ultrapassado por modificações que o afetam e também atingem o mundo externo, vivendo uma aceleração temporal diante da qual se vê desarmado.

No texto freudiano *Três Ensaio sobre Sexualidade* (1905), a adolescência fundamenta-se na puberdade, isto é, no encontro com o real do sexo, e constitui trabalho crucial de desligamento dos pais. Sob o termo puberdade, Freud se refere tanto às transformações corporais quanto às psíquicas que as acompanham, à questão sexual, por excelência, e à contradição entre diferentes gerações.

“Contemporaneamente à suplantação e à rejeição dessas fantasias claramente incestuosas, produz-se o mais importante dos trabalhos psíquicos, mas também o mais doloroso da época da puberdade: o desligamento dos pais. Esse desligamento produz a contradição, tão importante para a evolução cultural, entre a nova geração e a antiga”⁽¹⁾.

Em *Cultura de Massas no Século XX: Neurose*⁽⁴⁾, Edgar Morin observa que o homem adulto que se impõe nas sociedades históricas sofre, no mundo

Psicanalista; mestra em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); graduada e licenciada em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ); doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ; psicóloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, Hospital Pedro Ernesto, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NESA/HUPE/UERJ).

contemporâneo, a concorrência, nos momentos de crise, do jovem, do rapaz. Com o desenvolvimento das civilizações, a autoridade dos velhos se degrada. As grandes imagens da mãe autoridade envolvente e a do pai autoridade ordenadora, que reinaram nas religiões e nos mitos, se dissipam no imaginário moderno. Nos séculos XVI-XVII, Hamlet e Le Cid abrem uma brecha na obediência incondicional ao pai. Demasiadamente preocupado com seu próprio problema, Hamlet hesita em obedecer ao imperativo vingador do pai assassinado, à lógica implacável da vindita familiar. A modernidade infiltra-se nessa hesitação, isto é, na falha na identificação com o pai.

“E, sem dúvida, também aí a falta obscuramente experimentada de uma mãe *total* explica a busca adolescente de uma comunhão, de uma fé, de uma igreja ou de um clã. A decadência da imagem do pai e da mãe se dá em benefício, de um lado, de grandes autoridades paternas e maternas, como a nação, que é o estado-pai e pátria-mãe, a Igreja, até mesmo o partido, e de outro lado, como veremos, dos modelos da cultura de massa”⁽⁴⁾.

Segundo Morin, há intensificação, no plano da adolescência, dos conteúdos e dos efeitos da cultura de massa. Momento de fundamental contradição entre busca de autenticidade e integração social, a necessidade de verdade, nele, é imperativa. Os modelos dominantes, não mais os da família ou da escola, desagregam valores gerontocráticos, desvalorizam acentadamente a velhice, promovem valores juvenis, assimilam parte das experiências adolescentes. *Sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens* é sua máxima.

Mergulhado na velocidade da cultura contemporânea, na fragmentação, na globalização, no ciberespaço, no *fast-food*, o ser humano do século XXI aprisionou-se na necessidade apenas de funcionar, nos vazios do não-existir. Os novos Hamlets e os novos Narcisos precisam colocar-se em funcionamento, fazer uma boa *performance*, exhibir-se em público para se defender do buraco negro do não-ser. Para o psicanalista Renato Mezan, nos fenômenos atuais há elementos que não existiam antes, produzindo efeitos que Freud sequer imaginaria. Alguns desafios do século XXI (entre os quais as

novas configurações patológicas como a depressão associada às drogas, além das recentes formas de relacionamento humano) são fatos e questões inéditos que interpelam a psicanálise.

Em *O Homem Pós-Orgânico, Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais*⁽⁸⁾, Paula Sibilia assinala, na sociedade atual, a emergência de um tipo de saber radicalmente novo, pautado num anseio inédito de totalidade. Fáustico, ele visa exercer controle total sobre a vida, superando suas limitações biológicas. Trata-se do *fim da morte* na óptica das tecnologias da imortalidade, entre as quais a inteligência artificial em sua aspiração de remover a mente do cérebro humano e transferi-la para um computador, a engenharia genética, a criogenia (técnica de congelamento de corpos), a farmacopéia antioxidante. Sendo assim, em virtude das conquistas tecnocientíficas das últimas décadas, os limites médicos e jurídicos entre a vida e a morte estão sendo revistos.

O especialista em inteligência artificial Raymond Kurzweil, segundo Sibilia, não duvida que a tecnociência contemporânea conseguirá recriar sensações e sentimentos em computadores, escaneando o conteúdo do cérebro, fazendo *download* do pensamento como *software*, desenhando um computador que reproduza a estrutura de redes de neurônios cerebrais humanos. Algo semelhante acontece na genética comportamental, em sua frenética busca pelos genes relativos, por exemplo, ao homossexualismo, à criminalidade, à ansiedade, à depressão. Valendo-se de estatísticas e probabilidades processadas nos computadores, tal disciplina científica almeja estipular correspondências *exatas* entre determinado gene e um certo traço de subjetividade. Encontramo-nos, afinal, diante de uma proliferação de discursos ligados a um universo pós-orgânico, pós-biológico e pós-humano. Hoje o panorama mudou, ou seja, a ordem mecânica que inexoravelmente regia o mundo de acordo com as leis físicas newtonianas está em descrédito: o homem e a vida clamam por novas fundamentações; o destino dos seres humanos está, agora, inscrito nos genes.

“As subjetividades e os corpos contemporâneos são afetados pelas tecnologias da virtualida-

de e da imortalidade e pelas novas maneiras que elas inauguram de entender e vivenciar os estrangimentos espaço-temporais; na conjuntura do capitalismo pós-industrial tais mudanças apontam para a redefinição do ser humano, da vida e da natureza"⁽⁸⁾.

Imersos, afinal, num mundo onde as imagens podem ser comparadas a bombas que veiculam mensagens invisíveis, deparamo-nos, hoje, com a ameaça constante de nos tornarmos dóceis ao consumo, ao fascínio da mercadoria. No momento atual de nossa cultura, em que se é tomado na lógica de mercantilização, em que o visível encobre o enigma fundamental do sujeito perante o sexo e a morte, faz-se necessária a criação de espaços de discussão onde distintas áreas possam trazer suas contribuições, ao privilegiar o sujeito em sua relação problemática com o desejo. A força do gesto inaugural da psicanálise consistiu em colocar o su-

jeito moderno diante de um inconsciente que, sem privá-lo de sua liberdade de pensar, o determina sem que ele o perceba. Ora, a importância do legado freudiano está no fato de que, para Freud, o sujeito está implicado no destino que o espera.

Se o fim da adolescência, para a psicanalista Françoise Dolto, inclui a aceitação do luto, primeiro dos pais, que nunca nos compreenderão, o tratamento psicanalítico na adolescência, segundo Rassial, implica na ultrapassagem de uma demanda institucional, escolar, médica e/ou familiar. Sem obedecer a critérios objetiváveis, o fim da análise de um sujeito adolescente deve conduzi-lo a aceitar uma certa solidão, a que no ser humano lhe permite autorizar-se por si mesmo em suas escolhas de vida, além de manter com os outros uma relação menos presa a ideais imaginários, ideais esses que se multiplicam, implacavelmente, nos dias de hoje.

➤ REFERÊNCIAS

1. Alberti S. *Esse Sujeito Adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos; 1999.
 2. Foucault M. *História da Sexualidade*. 7 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Graal; 1988.
 3. Freud S. *Obras Completas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1977.
 4. Morin E. *Cultura de Massas no Século XX*. v. 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2005.
 5. Novaes A (org.). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: SENAC Editora; 2005.
 6. Perrot M. *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras; 1995.
 7. Rassial J-J. *O Adolescente e o Psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 1999.
 8. Sibilia P. *O Homem Pós-Orgânico: Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2002.
-